ANO I N.º 13
Número avulso 5$00

LOURENÇO MARQUES
1 de Outubro de 1933

O Ilustrado

Edição gráfica do NOTICIAS

Propriedade da Emprêsa Tipografica

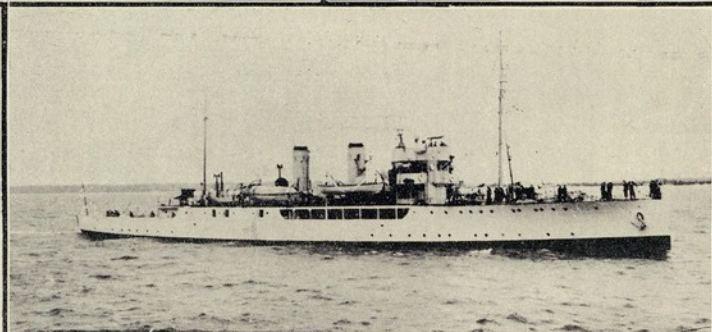
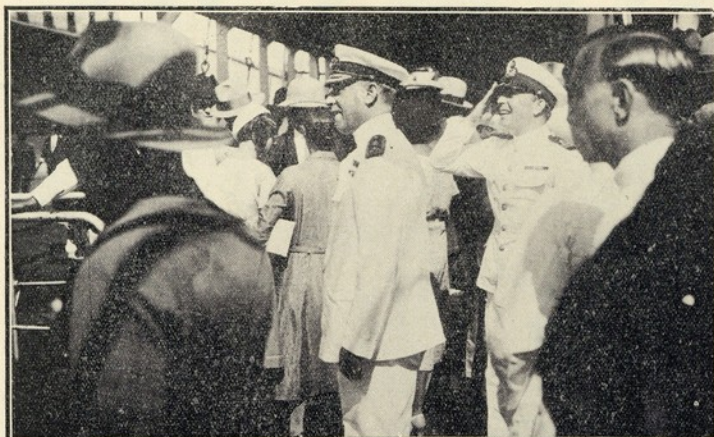
Director — SOBRAL DE CAMPOS

Sede — Praça 7 de Março

UM FUTURO "LEÃO"...

O filho do desportista sr. Antonio Simões, já apaixonado pelo futebol...

ACTUALIDADES

Dois aspectos da chegada do almirante Magalhãis Correia, novo Governador de Manica e Sofala, a bordo do «Quanza».

O aviso inglez «Daffodil», da divisão naval da Africa do Sul, que recentemente visitou o nosso porto.

O team do Berea Park que nos dias 16 e 17 de Setembro realisou dois desafios de futebol nesta cidade respectivamente com o Ferroviario e Sporting.

A familia do Almirante Magalhãis Correia a bordo do «Quanza». No primeiro plano sua esposa, no ultimo plano, sua filha.

Os componentes do team do Berea Park e pessoas que os acompanharam num passeio na baia (fotografia tirada na ponte da Matola).

Por cá, por Lourenço Marques e por estas várias terras de Africa, haveria — e houve certamente — assuntos de monta que dessem motivo a uma cronica, que plenamente a justificassem e que fosse interessante focar e comentar.

Pelo estrangeiro então — para o qual já diversas vezes temos voltado as nossas vistas atentas — não faltam nunca acontecimentos dignos de registo e que possam e devam ser enquadrados nesta página. Agora tambem não faltaram. Sem falarmos em tantos outros, bastavam-nos o julgamento dos acusados do incêndio do Reichstag e as nuvens que se encastelam no horisonte internacional entre a Russia e o Japão, a Russia e a Alemanha e o Japão e a China, para que, sem esforço, pudessemos encher este espaço com alguma coisa de interessante sobre a qual nos devessemos debruçar nuns momentos de meditação.

Mas... a nossa pena tem caprichos e nós não a queremos contrariar; deixamo-la seguir á mercê dos seus impulsos e das suas predilecções de momento...

* * *

Ás vezes, um pequeno facto do noticiario dos jornais — que o leitor lê, quando lê, e que esquece logo no momento imediato — dá motivo para uma série de considerações e até para lições de caracter social que não devem ser postas de banda como coisa inutil. Tal qual como numa gota de água, cristalina e translucida, se reflete um mundo e se concentra um admiravel conjunto digno de meditação e de estudo. Os sábios que o digam...

Ora, há seis ou oito dias passou sob os nossos olhos, no «Notícias», uma local onde se relatava sumariamente um conflito que a muitos dos que a leram pode ter parecido banal ou ter passado quási despercebido.

Fôra o caso — digamo-lo agora mais sucintamente ainda — que dois homens (não importa quais) se travaram de razões, por qualquer motivo, e no ardor da discussão se insultaram, mimoseando-se com epitetos ofensivos. E um deles, á mercê da colera — sempre má conselheira — não teve pejo em descer a referir-se á mulher do outro, atribuindo-lhe actos que feriam gravemente a sua dignidade de mulher, atingindo-a no que ela tinha de mais respeitavel, difamando-a, pondo-a pelas ruas da amargura.

A difamação feita á roda duma reputação, quer dum homem, quer duma mulher, é sem duvida dos crimes mais repugnantes; e benevolo é o nosso codigo por não equiparar esse crime aos crimes de furto e de roubo de grande valor — especialmente quando a difamação é praticada, não num momento de furia e de ódio impulsivo, mas com premeditação, com frequencia, com continuidade, serenamente, a frio, por maldade raciocinada e consciente, obedecendo a um proposito firme, a um plano preconcebido de destruição duma vida ou de um futuro.

Isto que acabamos de escrever pode afigurar-se um absurdo, um despropósito, uma enormidade juridica, áqueles que se habituaram a encarar os factos superficialmente, pela rama, pelas aparencias enganadoras. Mas a verdade é que roubar ou aniquilar a honra alheia é sem duvida mais grave, muitas vezes, nas suas consequencias, do que qualquer atentado á propriedade.

Pois bem. Essa mulher, ao ter conhecimento das ofensas dirigidas por esse homem — embora sem premeditação, num momento de ira — á sua dignidade, mune-se dum ferro, sai de casa, procura o caluniador, encontra-o e agride-o, fazendo assim justiça por suas proprias mãos, desafrontando-se.

E o caluniador, agredido por ela, queixa-se á policia, procura organizar contra ela um processo crime por ofensas corporais...

A Ex.ma Sr.ª D. Maria Amelia Teixeira (Filha), nova colaboradora do «Ilustrado»

Este o quadro — nas suas linhas gerais, tal como o referiu o «Notícias».

* * *

Este facto trouxe-nos á memoria o caso recente, sucedido em Portugal, daquela Maria do Sol que, — perseguida por um homem que a queria possuir e que, por ela despresado, a difamou e a comprometeu — se lançou no crime, matando-o, para vingar a sua dignidade ofendida e salvar o seu lar, o seu marido — e o seu Amor.

O caso está bem na memoria de todos. A alma sempre sensivel, gentil e elegante da Mulher Portuguesa, vibrou de pura e elevada emoção na presença do gesto de desafronta dessa candida e honesta mulher do povo, sublime de virtudes, encarnação esplendida de grande amorosa, modelar exemplo de esposa que tudo prefere a ver o marido perdido, como homem, para a sociedade, e a ver perdido o seu Amor no coração daquele que santamente escolhera para seu companheiro de toda a vida. E a alma da mulher Portuguesa, revelando-se mais uma vez na plenitude da sua excelsa formosura, acarinhou esta Maria do Sol criando-lhe um ambiente de simpatia e absolvendo-a do seu crime muito antes dela ser levada a julgamento perante as Justiças da nossa terra.

Um magnifico movimento feminino se gerou espontaneamente; e, em pouco tempo, milhares de assinaturas de mulheres de todas as classes sociais, dos grandes centros como das aldeias mais sertanejas, dum a outro extremo de Portugal, cobriram uma mensagem destinada a reclamar bem alto, em nome do Amor, da Virtude e da Puresa, a absolvição dessa mulher que, por esta Trindade, se vira na desgraçada contingencia de manchar de sangue as suas pobres mãos só afeitas ao trabalho e á bondade.

E Maria do Sol foi absolvida.

* * *

O assunto tentava a Arte. O assunto prestava-se a ser enquadrado num romance ou numa novela. O caso de Maria do Sol podia servir de motivo a uma excelente peça de teatro.

Compreende-se que o assunto tentasse, em suma, á realização duma pequenina ou de uma desenvolvida obra literária.

Foi o que sucedeu á esplendida organização artistica da distinta escritora sr.ª D. Maria Amélia Teixeira (Filha) que criou com grande encanto os deliciosos quadros, as emotivas cenas que honram «O Ilustrado» numa das suas páginas mais brilhantes.

Á nossa nova colaboradora, cujo trabalho e cujo retrato agradecemos, os nossos cumprimentos. E Maria do Sol, sagrada pela alma da Mulher Portuguesa e agora pela emotividade artistica duma escritora, ficará, durante muito tempo, como um exemplo de Virtude e de Amor, a lembrar tambem aos caluniadores e aos maus que a reputação duma mulher e a tranquilidade do santuário do seu Lar têm que estar tão altas e tão inacessiveis como as estrelas, lá em cima, no firmamento azul.

Pena é que estas lições — embora duras e impressionantes — não atinjam, no geral, nem ao de leve toquem, as almas viciadas, hipertrofiadas de misérias e torpesas de vários homens que—esquecidos de que têm mães, irmãs, esposas e filhas (todas mulheres), maculam e conspurcam as reputações das outras numa obra desgraçada de maledicencia, sem mesmo distinguirem o trigo do joio...

Senhores pedagogos: introduzam na educação dos rapazes e das raparigas um largo capitulo que lhes faça ter mais respeito pela honra alheia e que os faça considerar a alma duma mulher como um relicario. Um relicario em que deve brilhar a chama sempre viva, inextinguivel, das religiões domesticas e recatadas...

Como se faz um colono...

O dr. Rebelo Fagundes recebia-o no seu gabinete de Inspector Geral das Alfandegas de Moçambique. Foi duma grande amabilidade para ele. Mandou-o sentar num dos «maples» do luxuoso escritório, ofereceu-lhe charutos, pôs a ventoinha a trabalhar. E depois dumas preguntas distraidas sobre Portugal, a viagem, abriu a carta e começou a ler.

José Carlos ia examinando o aposento, curioso do sabor de exotismo, do ambiente «asiático», oriental, em que se via. Vagamente, acudiam-lhe á memoria motivos chineses, japoneses, indianos, e procurava identificar os estilos de toda aquela profusão decorativa. Do alto duma estante, um Buda bonacheirão, barrigudo, olhava-o matreiramente. Em duas grandes jarras descobria uma multidão de caras façanhudas, com fartas bigodaças descaídas. Num largo prato suspenso da parede, havia figurinhas airosas de chinesas com rabicho e cabaia. Noutro, era um dragão verde--esmeralda. Noutro, pássaros de longas caudas e plumagem policrómica. Sobre uma mesa de metal amarelo, admirou «bibelots» em marfim, e uma serpente enroscada que sustentava na cabeça uma fosforeira... E tudo aquilo lhe acordava reminiscencias de Loti e de Farrére, e José Carlos começava a acariciar a idea de escrever um livro á maneira de «Les Civilisés».

De soslaio, mirou e remirou o dr. Fagundes, que vestia um fato branco reluzente, empertigado e hirto de goma. Nutrido, o rosto descorado e viscoso de transpiração — fazia um tremendo calor — o dr. Fagundes rolava entre os dedos grossos o charuto. E ao rolá-lo, saltavam-lhe dos aneis chispas, cintilações azuis, vermelhas, esverdeadas...

José Carlos sentia-se mesquinho e acanhado. Mas já o seu protector — José Carlos vinha de Portugal «á consignação» do dr. Fagundes — já o seu protector acabava a leitura e pousando o charuto, dizia:

— O meu velho amigo brigadeiro Sampaio dá-me nesta carta as melhores informações a seu respeito. Fez muito bem em vir até á Africa. Do que a colónia precisa é de homens moços e fortes, enérgicos e desempoeirados, trabalhadores, cheios de iniciativa. A mocidade portuguesa, que anda lá pela Metrópole a mendigar um empregozinho do Estado ou um lugar num escritorio, devia vir á Africa, campo aberto a todas as actividades, grande escola da vida, para se retemperar e dignificar pelo trabalho. Mas em Portugal ignoram-se as colónias, não há, positivamente não há consciência colonial.

José Carlos ouvia, atento, e com certa vergonha de não ter vindo há mais tempo...

— Vai ver! Daqui a dois, três anos, já o meu amigo não quer sair de cá. A Africa prende! E depois, cada um de nós tem a consciencia de estar aqui criando uma nação, alicerçando uma pátria, fecundando uma civilização. Criar! Aí está, é essa a verdadeira função do colono.

— V. Ex.ª está em Africa há muito tempo? arriscou com acanhamento José Carlos.

— Oh! Sou um velho colono. Quando aqui cheguei, ainda a Africa era Africa...

— V. Ex.ª é daqueles, verdadeiros herois, que desbravaram essa Africa, a conquistaram e lançaram nela a semente da civilização! — exclamou José Carlos com enfase. E logo a mania da literatura lhe fez visionar o dr. Fagundes, minado de febres, roido de sêde, de carabina na mão a jugular revoltas de negros, a evangelizar antropófagos, a abater feras, a domar o sertão pejado de perigos e traições...

Mas o dr. Fagundes, acendendo outro charuto, dizia com modéstia:

— Trabalhei! Trabalhei! Há vinte e cinco anos que por cá ando...

— V. Ex.ª andou pelo sertão, fez alguma campanha?

— Não. Eu estive sempre aqui, em Lourenço Marques, funcionário superior da Alfandega.

José Carlos olhou-o com surpresa. Num momento, varreram-se-lhe da idea as visões de novela e aventura, de heroismo e sacrificio. «Criar»!... E José Carlos preguntava-se o que é que este Tartarin colonial podia ter «criado», senão «criar-se» a si próprio, e bem, vamos lá... E o dr. Fagundes parecia-lhe agora mais gordo e mais balofo...

— Mas emfim, vamos ao que interessa. O que o meu amigo precisa agora é encontrar um campo á sua actividade. Moçambique é uma colónia riquissima, de largo futuro. Desde o seu sub-solo, em que há em abundancia carvão, prata, oiro...

— Mas ai está, dr.! Eu senti sempre em mim a alma dum pesquizador de oiro. Era uma exploração mineira que eu preferia.

— Sim. Mas, meu caro, você compreende... É que essa questão não está bem apurada. Sabe-se que há ouro, prata, mas não se sabe bem onde. Ignoram-se quais as condições e possibilidades de exploração... Emfim, o reconhecimento mineiro, geologico, do territorio, não está ainda suficientemente feito...

— Mas então, dr., em que se fundam para apregoar essa riqueza da Colónia?

— Han?... Ah! Sim... Tradições, a historia — Ofir, Sofala, as minas da Chicôa, o Monomotapa... Depois, mais ou menos todas as colónias têm ouro. É, para as metrópoles, uma questão de patriotismo. A verdade, é que em Moçambique não há exploração, industria mineira, não é possivel fazer-se qualquer coisa nesse campo...

José Carlos, espantado, abriu os olhos e reconhecia a sua ignorancia de coisas coloniais.

— De resto, creia o meu amigo: a verdadeira riqueza de Moçambique está no solo, sim, mas no humus fertil, generoso. A agricultura, ai tem! É a expressão acabada de colonização. O verdadeiro titulo de nobreza do colono. É ela que lança os cabôcos da ocupação, garante a nacionalização da Colónia, constitui a base segura da sua economia. E é para a agricultura que se deve guiar o colono, que o Estado deve promover e orientar a emigração metropolitana.

José Carlos convencia-se já e entusiasmava-se. Visionou logo uma fazenda agricola no modelo das roças que visitára em S. Tomé. E com sinceridade, exclamou:

— Meus avós eram lavradores. Reatarei a tradição da familia. Diga-me V. Ex.ª o que devo fazer...

— Olhe, francamente, não lhe aconselho a agricultura. Bem vê, a agricultura nas colónias é uma especialidade. Requere uma preparação, estudo...

— Mas eu suponho que o colono, em geral, não pode ter essa preparação. E naturalmente é o Estado que o guia, esclarece...

— Sim! Assistencia técnica ao machambeiro, quero dizer ao agricultor. Fala-se disso, ás vezes, mas na prática não há nada, não se faz nada... Depois, é preciso capital...

— Mas perdão. Que faz, afinal, o Estado, para fomentar essa agricultura?...

— Problema complexo! Regime de chuvas, questão de mão de obra, irrigação, estudo das terras e culturas, selecção de sementes... Fala-se, discute-se. Mas não há nada. O colono que tenta a agricultura fica completamente desamparado e vem a liquidar em dividas...

Em José Carlos, as ideas confundiam-se, baralhavam-se. Não percebia... Suava copiosamente, abrazado no fato de fazenda azul com que desembarcara nessa manhã. E com receio, atrapalhado, arriscou:

— E o comercio?

— Pela hora da morte! Nem pensar nisso. O que há mais, é comerciantes. No mato, a concorrencia fatal do monhé, do indiano...

— Mas porque não impedem essa concorrencia, protegendo o colono europeu?

— Uma praga. Já se tem discutido isso. Todos reconhecem que o monhé é um elemento pernicioso... Mas nunca se fez nada!...

José Carlos ia jurar que o Buda, do alto da estante, lhe piscava zombeteiramente os olhitos pequenos. As palavras do dr. Fagundes revolviam-se-lhe no cérebro, em torvelinho. Minas, agricultura, comercio...

Nada, não se faz nada... Mas então, que diabo vinha ele cá fazer. Para que é que precisava a Colónia de gente, de colonos? Mas que «blague» era então tudo isto, a Africa, a colonização, a colónia, os colonos, a agricultura?...

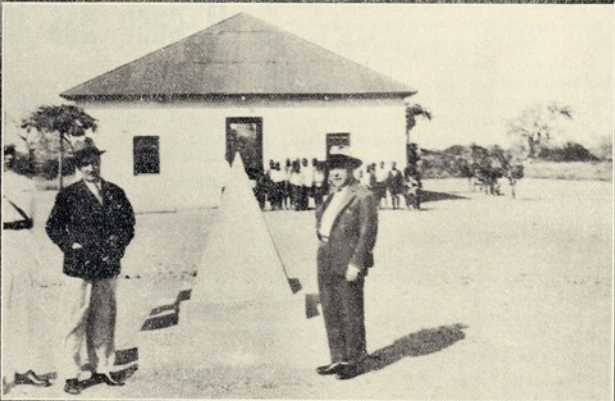
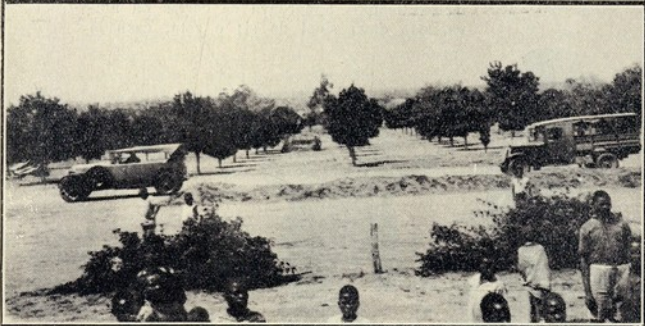
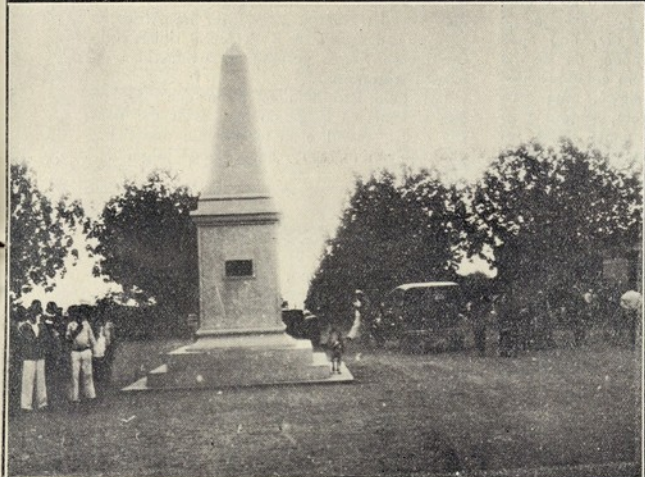
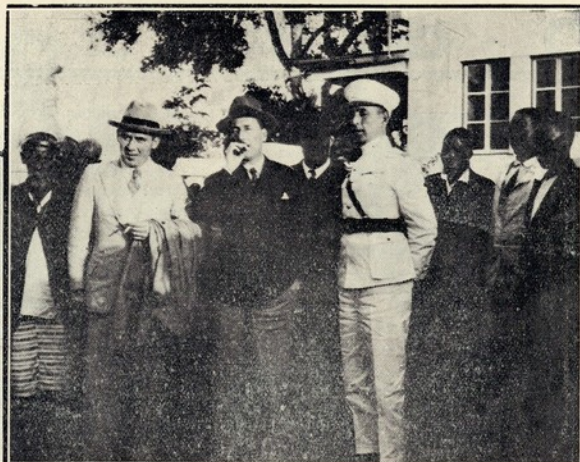
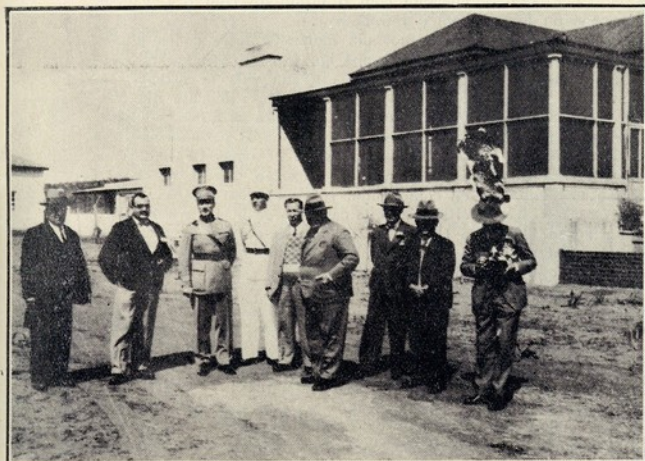
E desiludido, acabrunhado, resolveu-se a interrogar com desespero:

— Dr., eu vim á Africa e sou moço, válido, capás de trabalhar, de concorrer para a valorização da Colónia. Tenho um sincero, ardente desejo de ser util á nossa colonização, de produzir, de criar. Na minha ignorancia das coisas coloniais — essa ignorancia em que Portugal vive, não sei agora se feliz ou infelizmente — vim para aqui animado daquele desejo e confiado em que o Estado não desdenharia a minha aptidão e o meu esforço. Acolhi-me á protecção de V. Ex.ª, conhecedor e experiente da vida colonial. Peço pois que me diga: que vou eu fazer aqui? Que há, aqui, para fazer? Em que devo eu, afinal, empregar a minha actividade, como tornar-me um colono, na verdadeira acepção do termo?

O dr. Fagundes recolheu-se uns momentos meditando. E depois, senhor de si, superior, declarou-lhe:

— Fique descançado, meu amigo. Vou tratar disso. E dentro de poucos dias o meu amigo terá um lugarzinho de assalariado da Fazenda...

M. C.

A visita de S. Ex.ª o Encarregado do Governo a Inhambane e Gaza

Na segunda quinzena do mez de Julho, acompanhado de alguns chefes de serviço, visitou o sr. Encarregado do Governo, tenente-coronel Soares Zilhão, Vila de João Belo e o distrito de Inhambane.

Da esquerda para a direita, e de cima para baixo, alguns pontos visitados por S.Ex.ª o sr. Encarregado do Governo: No Chai-Chai, junto do Hospital daquela vila. Monumento do Chibuto. A' passagem por Inharrime. Em Massinga, no regulado de Chigava. Uma bonita arvore em Chaimite junto da qual foram mortos dois guerreiros do Gungunhana. Em Chaimite, junto do obelisco levantado no local onde existiu a palhota do Gungunhana. Igreja da Missão Portuguesa de Homoine.

O drama da Africa

Iniciamos no presente numero de «O Ilustrado» uma série de «Contos Africanos».

Chamamos-lhes africanos porque a sua acção se passa em Africa e na Africa viveram os individuos, (na maioria europeus) que neles figuram. Não nos parece, pois, que se lhes pudesse dar título mais apropriado.

É êste um género que bem pouco cultivado tem sido na Metrópole, e aqui, que nos conste, quási inteiramente desconhecido.

Se mal nos houvermos no empreendimento que se nos relevem as deficiências pela boa-vontade, ao menos, com que a êle nos abalançamos. Em todo o caso abre-se um caminho a mais experimentadas penas.

Haverá talvez quem se admire, quem se indigne ou revolte com os «casos» que vamos contar. É possivel. O coração humano, bem formado, não pode ficar indiferente ao doloroso espectáculo que aqui se lhe patenteia.

Garantimos, todavia, que todos estes casos são verídicos e que todos se deram nas colónias portuguesas de Africa. Dos personagens alguns, quási todos, ainda vivem; confundidos na turba-multa das cidades ou ignorados no fundo de uma «machamba».

Por um natural sentimento de piedade pela sua situação, limitamo-nos tão somente a mudar-lhes o nome e o lugar em que viveram ou em que se desenrolaram os acontecimentos de que damos notícia. Tudo o mais é verdadeiro.

Estes «casos», por mais extraordinários, por mais estranhos, por mais inverosimeis que pareçam, são a fiel expressão da verdade. Tão certo é que esta excede tanta vez a mais imaginosa fantasia... No seu conjunto constituem o pavoroso, o pungente «drama da Africa».

Todos esses pobres seres, homens ou mulheres, que aqui apresentamos com o maior rigor possivel, eram bons, eram normais quando para cá vieram. Sentiam e sofriam como nós. Amavam e riam como nós. O seu coração alegrava-se ou entristecia-se com as mesmas coisas que a nós nos alegram ou entristecem. Traziam na alma os mesmos sonhos, alimentavam as mesmas esperanças, dentro do seu peito acastelavam-se as mesmas ambições...

Foi a Africa, que os tornou assim. Foi esta Africa ardente e misteriosa, sedutora e fatal que os abateu, que os aviltou, que os transmudou nessas míseras criaturas que vamos ver agitar num mundo de dor. Sim, foi esta Africa maldita!... Com as suas ardencias entorpecedoras, os seus horisontes de vertigem, os seus postos isolados no coração da selva e num meio hostil e depauperante, o seu viver monótono a gerar a neurastenia feroz que algumas vezes conduz ao suicidio e tantas á degradação extrema, a sua aridez e o seu isolamento, que dão ao colono aquela torturante sensação de vazio e de desconforto moral, dia após dia, ano após ano, com a alma em farrapos, os nervos arrasados, os olhos a buscarem enlouquecidos um cenário novo que não surge, uma cara nova que não vem... E a preta, sempre e só a preta, boçal e repelente, como unico recurso, como unico lenitivo para o destempero dos nervos, para a alucinação dos sentidos, para a febre do coração...

... E assim surge, e se prolonga, e se impõe, esse contacto perigoso e ancestralmente aliciante com o primitivo, com o selvagem, com o retrocesso...

Paremos um momento antes de os julgar. Conduzamo-nos em espirito aos lugares longinquos em que a sua vida se arrasta, integremo-nos no ambiente sufocante que respiram, tenhamos com eles as mesmas longas, as mesmas desmoralizadoras permanencias em paragens que distam centenas de léguas de tudo quanto a civilização oferece de bom e de confortante, soframos com eles as mil vicissitudes que cada dia se lhes oferecem...

Deslocado de semelhante meio, arrancado á rotina embrutecedora, restituido ao convivio diário dos homens, seus irmãos de raça e de sentimentos, a sua vida teria sido outra, os seus costumes outros, outra a sua moral. Mas, ai, ninguem se lembrou deles, ninguém teve para eles um olhar amigo! Ficaram entregues a si próprios, ás suas tendencias, ás suas fraquezas...

Temos, pois, de os aceitar pelo que são. Com os seus vícios, as suas taras, as suas monstruosidades. São um produto do meio, o residuo alogéneo desta gigantesca reacção que a velha Europa veio fazer na Africa.

A sua desgraça é a desforra sinistra do Continente Negro perante as arremetidas do branco triunfante...

Por tudo isto bem merecem que nós, os que vivemos cá longe no bem estar das nossas casas, moral e materialmente assistidos, paremos um momento antes de os julgar...

Xavier Valente.

CONTOS AFRICANOS

O caso das três Marias

Julio de Morais era de Traz-os-Montes. Desembarcara em Lourenço Marques nas mesmas condições em que chegam tantos outros rapazes da sua idade: pobre, desprovido de tudo, quási sem habilitações, mas «tão enérgico e decidido como ignorante das coisas de Africa». No olhar o fogo de todas as audácias, no peito largo a inconfessada esperança dum triunfo fácil. Deixara conversada em Portugal a quem prometera desposar. Era a Maria Augusta, guapa rapariga de Vila-Real, que tinha duas irmãs que, por um destes caprichos tão frequentes em familias portuguesas, tinham também o seu nome: a Maria Eugénia, esbelta e viva como ela, e a desgraçada Maria das Dores, para quem a natureza fôra menos generosa, dando-lhe uma daquelas deformidades que a todos, mesmo aos corações bem formados, causam repugnancia e tristeza.

Não foi longa a sua permanencia na capital da Colónia. Ao fim de três semanas um parente já afastado conseguia-lhe colocação num dos distritos do norte. Lugar modesto e trabalhoso que para Julio de Morais representava, entretanto, um principio de vida e a garantia do pão cotidiano. Fizera, pois, os seus agradecimentos ao bondoso velho que por êle se interessara sem quási o conhecer e, ainda com a sua ajuda, tomara o primeiro transporte.

Recebido com simpatia na vasta propriedade em que devia passar tantos anos, Julio de Morais, desde logo deu provas de quanto podia a vontade de ferro. Havia de ir longe aquele, diziam os empregados mais velhos ao observarem o doido afan que punha no seu trabalho o robusto transmontano.

E o tempo foi passando... Ao principio a sua correspondencia com a Maria Augusta fora a correspondencia normal de todos os namorados. As cartas duma e doutra parte sucediam-se longas e apaixonadas; eram sempre mil frases de ternura e de repassada saudade, mil promessas de amor que, — como todos os amores, até os mais efémeros — se jurava eterno...

Desembarcara em Lourenço Marques...

Ao fim de um ano, todavia, tal correspondencia começou a rarear. As cartas de Maria Augusta, lacrimosas e acusadoras, ainda vinham com bastante frequencia; as do emigrante porém, cada vez se espaçavam mais e certo dia, fosse por que fosse, cessaram mesmo de todo. Esquecimento, novos amores, cansaço? Talvez nem ele próprio o soubesse ao certo.

O facto é que Julio de Morais, perdida a mal sofrida impaciencia com que nos primeiros tempos aguardava as cartas da noiva, não dava sinal de si; e esta, cansada

de implorar e de recriminar, deixara de escrever também...

Passaram-se anos durante os quais a Africa não deixara de cumprir a sua tarefa maldita. Gradualmente, silenciosamente, o doloroso drama da absorção moral do branco havia seguido o seu curso.

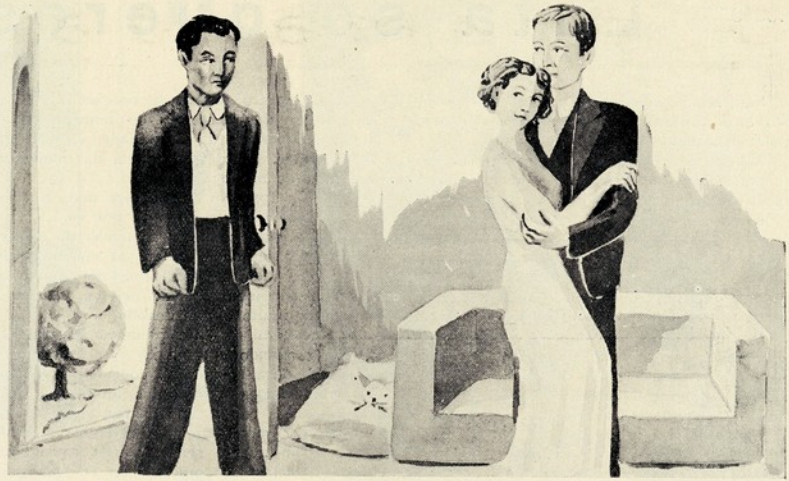
Era fatal. O clima, o isolamento, as doenças e o desanimo que estas trazem consigo, não pouparam Julio de Morais. Juntara alguns bens. Perdidos, no entanto, a energia e o entusiasmo que trouxera da Mãi-Pátria, o pobre transmontano levava agora aquela apagada existencia de todos os colonos que já perderam as ilusões e outra coisa não desejam senão que os deixem viver socegados na «machamba» ou na «cantina» que assistiu indiferente á sua transformação, Transformação cruel a que ninguem escapa e nos faz convencer que algo de misterioso e de fatidico se esconde na selva africana.

Uma tarde, porque lhe fosse mais amarga a recordação do passado ou porque mais lhe pesassem a solidão e o cansaço, o certo é que Julio de Morais voltou a pensar na Maria Augusta. Evocou os tempos ditosos do seu idilio longinquo e pensou como teria sido diferente a sua vida se por leviana atitude não houvesse cortado relações com ela. Fechou os olhos e mentalmente viu-a a seu lado, tranquila e feliz, numa casinha de alvenaria que ele mesmo construiria, emquanto lá fora, queimados do sol, traquinavam os garotos...

Um pensamento começou a martelar-lhe o espirito. E porque não, porque não havia de tentar? A alma das mulheres é tão extraordinária, o seu coração, quando ama, é quási sempre tão crente! Dir-lhe-ia que estivera doente, inventaria qualquer motivo para justificar o seu estranho silencio e acabaria por lhe pedir a mão, no caso de estar livre ainda. A sua proposta, tinha a certeza, depressa faria desaparecer alguns restos de ressentimento...

E a carta lá seguira...

Passados três meses, que ao impaciente colono pareceram três séculos, chegava a resposta admiravel. Maria Augusta estava solteira ainda. Embora verberando o procedimento do antigo noivo, generosa e amante, Maria Augusta perdoava. Com grande contentamento — dizia — declarava-se pronta a seguir viagem logo que a procuração chegasse e a cerimonia tivesse lugar...

Não iremos fazer aqui a descrição fiel do que se seguiu e que é a história vulgar de todos os noivados. Diremos apenas que os primeiros tempos de casado foram para Julio de continuas venturas. Maria Augusta, esposa ideal, parecia adivinhar-lhe os pensamentos. Rodeava-o de carinho e de conforto; tão grande empenho punha em fazer feliz o marido que quási lhe não dava tempo de formular um desejo, de esboçar uma aspiração.

Quiz o acaso que certa tarde... Julio de Morais adquirisse a dolorosa, a ultrajante certesa.

Em tal atmosfera de amor e de bem-estar, Julio de Morais sentia voltar-lhe o vigor com que dantes escalava as serras lá naquele seu torrão tão distante. Sentia-se feliz, era evidentemente feliz... O passado — pelo menos êle assim o pensava — morrera para sempre.

A breve trecho, porém, a vida de Julio de Morais começou a modificar-se. Perdera a alegria do olhar, andava absorto e cabisbaixo, o lar já o não prendia como dantes. Por muito extraordinário que isto pareça, a verdade é que a duvida, devastadora, se instalara no seu peito. Julio de Morais suspeitava da mulher! Suspeitava de que ela tinha um amante, de que com ele se encontrava frequentes vezes. Onde? Como? Não o sabia ainda, mas o seu coração alanceado pressagiava-lhe desgraça.

Nem já se dava ao trabalho de dissimular as suas apreensões. Maria Augusta parecia não dar por nada. Cantava a toda a hora emquanto ia fazendo a lida da casa, aparentando a mesma alegria da hora em que o «seu Julio» a recebera.

Quiz o acaso que certa tarde, em que um ameaço de febre o forçara a voltar mais cedo para casa, Julio de Morais adquirisse a dolorosa, a ultrajante certesa. Maria Augusta não estava só. E quem era o ladrão da sua honra, o destruidor infame do seu lar?! Vergonha das vergonhas! O seu pior inimigo, o homem que em Africa fôra desde o primeiro dia a sua sombra negra, o competidor rancoroso que sempre encontrara no seu caminho!

O seu desespero, a sua furia não têm limites. Arruma-se como leão ferido ao criminoso par. Há luta, borborinho, gritos selvagens, insultos soezes, ameaças. Inesperadamente dá-se a espantosa cena.

Maria Augusta, desgrenhada, olhar fuzilante, feroz, insulta raivosamente o «marido».

— Não, o passado não morrera, não podia ter morrido nunca! Uma mulher como ela não esquecia, não perdoava... Vivera para a vingança! Esperara todos aqueles anos porque uma voz interior lhe dizia que ele havia de vir, que êle havia de voltar! E não se enganara... Ali o tinha á sua mercê, sofrendo como ela sofrera, chorando como ela chorara...

E com quem supunha êle que tinha vivido até ali? Com «sua mulher»? Que infinita vontade de rir... Ela, Maria Augusta, nada mais havia sido do que uma amante sua, uma amante que agora recuperava a liberdade!... Sua mulher legitima, era a outra, a Maria das Dores, a aleijada! Com as suas artes e dada a semelhança dos nomes, conseguira que a pobre rapariga assinasse no lugar que lhe competia a ela! Que a fosse agora lá buscar, á sua linda esposa!...

As palavras saiam-lhe da boca contorcida, esvurmantes de ódio e de desprezo, quási sanguinolentas... E ria, ria perdidamente, a desgraçada, enroscando-se como uma vibora nos braços do novo amante...

* * *

Anoitecera. O mato, ao longe, começava a animar-se e no ceu, muito sereno, subia a lua majestosa... Vinha estender o seu manto de prata sobre a miséria dos homens.

Xavier Valente.

Luta se queres viver

Sim, lutar é viver. Este pensamento filosófico e profundamente substancioso não perde por demasiado rédito.

A luta é a vida, ainda mesmo nas suas manifestações mais simples e aparentemente passivas.

É a história que no-lo afirma e prova.

Conclamam-no os povos que se engrandeceram e notabilizaram subindo ao apogeu da glória, exalçando-se ao fastigio do poder, porque lutaram e, lutando, viveram.

Lutar é viver, e viver é progredir.

Dizem-no todas as conquistas da inteligencia, todo esse irradiar fulgurante de luzes de uma civilização cujo clarão parece agora querer extinguir-se com o bruxulear crepitante de uma velha candeia de azeite a que falta o combustivel.

Lutar é viver, mas viver amando e defendendo todos os principios sublimes e nobres, todas as concepções grandiosas e alevantadas, todos os doutrinamentos alicerçados na Verdade, visando a Virtude e procurando o Belo.

Amando a Liberdade, — sol esplendoroso que acalenta o Progresso — foco intensissimo de luz de onde jorram cintilações vividissimas e afugentadoras de trevas que porventura embrusquem inteligencias e ennoutem corações.

A vida, só assim em luta, e só nesta luta, se poderá chamar a verdadeira vida.

Em descanso, nos braços do ócio, no negrume da apatia, nos prazeres do vicio e nas querelas do egoismo, o homem não vive, mas rasteja como um asqueroso réptil.

É que noutro tempo, se não se arreceava porventura dos anátemas do homem, temia todavia o castigo da Eternidade, e, na falta deste temor, lembrava-se ainda da fábula do lobo e o cordeiro:

«Se não foste tu que fizeste mal, foi teu pai; e, portanto, pagarás tu por ele...».

Dantes, para se subir ás cimas do poder, da ciência, ou da arte, até ás cumiadas da gloria de onde se descortinavam luminosos horizontes opulentados de belezas, era preciso lutar muito e com denôdo.

O cavaleiro somente ganhava as esporas de ouro quando entrava no torneio disposto a vencer ou a morrer. É enorme, extensa e brilhantissima a galeria dos lutadores. Destacam-se aí vultos imponentes, majestosos, unicos. Lutaram, mas a luta deu-lhes a imortalidade no mundo sensato; nela retemperavam as armas com que haviam de conseguir novos loiros, nela encontravam forças para empreender novos combates.

A vitória encoraja, reanima, se bem que só surge após os trabalhos, as provações e os esfalfamentos da luta.

Sublime, opulento, o quadro que a história nos apresenta de todas essas individualidades excepcionais, de todos esses grandes lutadores, de todos esses prodigios humanos.

Era o filosofo recondito e humilde que desenterrava inteligencias obscurecidas, que desfazia veus e dissipava neblinas, que pulverizava duvidas e camartelava erros. Era o orador que empolgava as multidões fazendo-lhes delirar o espirito com a palavra da Verdade, esse orador cujo verbo simultaneamente trovejava e ciciava, ora cachoando como o mar em dia de tempestade, ora deslizando como o regato que corre mansamente por entre dois renques de modestas violetas.

Era o artista que nos deliciava a vista embevecida na contemplação das suas obras que eram verdadeiras maravilhas; o artista que ferindo vibrações e acordes nos deliciava o ouvido e, simultaneamente, nos retalhava as fibras da alma chicoteando-nos o coração com a sombra de um remorso e aproximando de nós todas as evocações do sentimento do Bem.

* * *

Colombo arrancou das trevas do incógnito as maravilhas de um novo mundo por que lutou e perseverou na sua grandiosa emprêsa. Emquanto a marinhagem desesperava, êle nutria a esperança da descoberta.

E quando a revolta ia estalar dentro do costado das humildes e perdidas caravelas, eis que o gajeiro, que jazia no cesto da gávea como sentinela adormecida, acordando, bradou estremunhado: — «Terra á vista»!

Sim, era o arrebol dourado de uma nova aurora. Lutar é viver, mas viver amando e defendendo todos os principios sublimes e nobres, todas as concepções grandiosas e alevantadas, todos os doutrinamentos alicerçados na Verdade, visando o Bem e procurando o Belo.

Roque Ferreira.

O JAPÃO moderno

O Japão tem também o seu soldado desconhecido e dedicou-lhe um templo. Uma das nossas gravuras mostra-nos o novo almirante japonês Mineo Osumi lavando as mãos, conforme o costume niponico, por ocasião da sua primeira visita oficial a esse templo erigido em Tokio. É uma cerimonia interessante a que os japoneses ligam uma grande importancia.

Mais ou menos como em toda a parte realizam-se no Japão casamentos com grande pompa. Recentemente efectuou-se, com notavel solenidade, o casamento da filha do Ministro da Guerra, sr. Araki, com um moço oficial da guarda imperial de Tokio. O cortejo nupcial foi concorridissimo, tendo nele tomado parte as pessoas de mais alta categoria social, notando-se grande profusão de luzidas fardas e riquissimas toiletes femininas. A recepção em casa dos pais da noiva foi marcada por uma rara distinção e por deslumbrantes iluminações. Uma grande orquestra deliciou a assistência executando um excelente concerto, tendo-se feito ouvir também alguns cantores consagrados.

A nossa gravura mostra-nos os noivos a seguir á cerimonia do casamento.

* * *

O Japão tem também o seu cinema proprio, São já várias e importantes as suas emprêsas cinematográficas e registam-se já entre o seu «estrelado» ceu, algumas «estrelas» e alguns «azes» de incontestavel merecimento.

As exigências são já as mesmas que encontramos para o cinema europeu e americano.

Uma das nossas gravuras apresenta-nos algumas pernas fotogenicas... — um grupo de candidatas a estrelas sujeitando as suas pernas a um rigoroso exame de medição antes de serem contratadas para uma firma cinematográfica.

A outra gravura expõe-nos duas deliciosas e encantadoras «estrelinhas», cheias de graciosidade, recordando os seus ensaios na bela praia de Kyoto ao som duma langorosa guitarra...

MARIA DO SOL

PERSONAGENS

MARIA DO SOL .... 25 anos
RICARDO .... A mesma idade
MANUEL .... Um homem novo

PRIMEIRO QUADRO

(A cena representa a cozinha duma habitação no campo. Ao levantar o pano, está Maria do Sol a lavar. Manuel entra, pé ante pé, para não ser pressentido, e Maria do Sol sente-se de repente agarrada por dois braços fortes. Tenta fugir á prisão traiçoeira e debate-se, nervosa mas quási inutilmente. Ele larga-a, por fim).

MARIA DO SOL — Deixe-me! Largue-me! Cobarde! Mas como entrou aqui?

MANUEL — Foi fácil: a porta estava aberta. Agora, serás minha.

MARIA DO SOL — Está doido! Largue-me, ou chamo por socorro.

MANUEL — Havias de ganhar muito com isso! Estás sósinha em casa.

MARIA DO SOL — O Ricardo não tarda aí.

MANUEL — Quem tem trigo sem joio fecha-o no celeiro; não o deixa na eira, onde qualquer o pode apanhar. Quero que sejas minha, Maria do Sol, e hás-de sê-lo, essa te juro eu.

MARIA DO SOL — Nunca! Ouviu bem? Nunca! (Ele agarra-a de novo) Cobarde, cobarde! Sim, só um cobarde pode fazer uma coisa destas! Ah! Nunca me enganaram os seus olhos maus. E esquece-se até de quantos favores deve ao Ricardo, ao meu homem. Pois olhe que não são tão poucos nem tão pequenos, que seja fácil esquecê-los.

MANUEL — Que me importa tudo isso? O que não posso é ver-te passar por mim e não te tocar. Passares a cada momento ao meu lado como se estivesses longe, nas estrêlas. Quero-te para mim, e eu quando quero, quero! Estou doido por ti, mulher.

MARIA DO SOL — Deixe-me...

MANUEL — De que vale fazeres-te difícil? Já todo o povo fala de ti e de mim. Ninguem acredita que entre nós não se tenha ainda passado coisa alguma. Podes apregoar a tua inocencia aos quatro ventos, que ninguem te dará ouvidos.

MARIA DO SOL — Bem sei... O senhor é tão cobarde que espalhou para aí que eu era uma mulher perdida, que era pertença sua. Mas acautele-se! Se as bocas não se calam, se vocemecê não acaba de me pôr pela rua da amargura, se o meu homem não volta a ter em mim a mesma confiança, que dantes tinha, se não me volta a ter o mesmo amôr, eu nem sei... Eu sou capaz de...

MANUEL (com um riso de troça) — De matar, querem ver?

MARIA DO SOL — Não leve isto de mofa. Se eu não der cabo de si, o Ricardo é capaz de perder a cabeça... E não há-de ser o meu Ricardo quem há-de sujar as mãos no seu sangue. O Ricardo é tudo quanto eu tenho no mundo. Não quero perdê-lo nem quero que ele se perca. Tome cautela comigo!

MANUEL — Eu não tenho mêdo de mulheres, nem de homens. Por hoje, deixo-te, rainha de pé descalço! Noutra ocasião, verás...

(Manuel sai. A seguir, entra Ricardo).

RICARDO — Há bocado, vim a casa e tu não estavas. Onde raio te metes tu, mulher, que nunca ninguem sabe onde andas?

MARIA DO SOL — Ainda agora daqui me fui, e já cá estou outra vez. Foi só o tempo de fazer uma compras que eram precisas.

RICARDO — As linguas cada dia falam mais de ti e do Manuel da Horta. Ah! Que se eu tenho a certeza, ficam-me ambos nas mãos! Olá se ficam...

MARIA DO SOL — Calunias! É certo que êle, ás vezes, me persegue com dichotes, e os aleives é êle quem os levanta, de despeitado que fica. Mas eu que culpa tenho em tudo isto? Podia lá impedir que o homem pensasse coisas!

RICARDO — Mentes. Tu e êsse malvado... Se os apanho, mato-os.

MARIA DO SOL — Ricardo, que te perdes!...

RICARDO — Tens mêdo por êle, pelo teu...

MARIA DO SOL (interrompendo). — Tenho mêdo por ti.

RICARDO — É mentira.

MARIA DO SOL (agastada) — Será como quizeres... Já que assim me julgas...

RICARDO (violento) — Tu! Pois tu?

MARIA DO SOL — Não, Ricardo, não. Juro-te por esta (faz uma cruz).

RICARDO (sacudindo-a brutalmente pelos ombros) — Eu que oiça mais alguma coisa... Veremos qual de nós se ri do outro.

(Sai. Maria do Sol fica só, entre vencida e revoltada. Ouve o assobio de Manuel, que passa na rua, e sem reflectir pega numa caçadeira e sai. Ouve-se uma detonação, um grito sufocado e o baque dum corpo, que cai. Entra Maria, desvairada, e a seguir Ricardo).

RICARDO — Maria, que fizeste?

MARIA DO SOL — Meu Deus, meu Deus, matei um homem!

(Ouve-se barulho de gente. Ricardo faz-lhe sinal que se cale).

SEGUNDO QUADRO

(Uma sala de tribunal. Juizes, advogados, publico, etc.).

MARIA DO SOL (continuando a defeza começada). Não é verdade, eu não sou uma assassina. Eu matei sem saber o que fazia e matei para vingar a minha honra, que queriam manchar, a minha felicidade que já estava perdida. Se não é crime matar para defender a vida, também não deve ser crime matar para defender a ventura. Foi em defeza. Ele dera cabo da minha casa, dera cabo de tudo o que para mim era o mundo, porque o resto do mundo nem eu sabia se existia. Vi nas mãos dêsse homem a minha felicidade em bocados. Ele tinha-a quebrado e eu nunca mais poderia viver em paz a minha vida arrumadinha e honesta. Ele não me largava a porta... Era uma perseguição. Eu disse-lhe que o Ricardo lhe espreitava os passos, mas que seria eu quem havia de vingar-me pelas minhas mãos, se êle continuasse a fazer-me mal. Riu-se de mim... Não tinha mêdo e continuava sempre a tentar-me, a cegar-me. O Ricardo endoidecia-me com os ciumes e ameaçava-me. Vai eu, um dia, perdi a cabeça. Nem sei o que senti! Passou-me pelos olhos uma nuvem de sangue (recordando-se). Agarrei na caçadeira, esperei-o ao dobrar a esquina e, foi um instante... Eu tinha morto um homem! Eu era uma mulher deitada á lama. Eu era isto! (Numa revolta). Mas não, não quero, não posso ficar prêsa. Faltar-me-ia o ar, a vida... Eu quero a minha liberdade, a minha casa, a minha terra, o meu homem...

TERCEIRO QUADRO

(A mesma cena do primeiro quadro. Quando abre o pano, está Ricardo só; depois, entra Maria do Sol).

RICARDO (correndo a abraçá-la) — Sol, minha Maria do Sol!

MARIA DO SOL (sentando-se) — Estou tão cansada, Ricardo! Minha pobre cabeça...

RICARDO — Deves trazer fome.

MARIA DO SOL — E frio, muito frio. (olhando para a lareira) Tudo apagado! Só há cinzas...

RICARDO — Que querias tu que eu fizesse, mulher? Já nem me lembro que se acendesse o lume nesta casa.

MARIA DO SOL — Então tu onde comias?

RICARDO — Por aí... em qualquer tasca... onde calhava. O que há-de um homem fazer sósinho? Era um corpo sem alma.

MARIA DO SOL (olhando em volta) — A nossa casa, Ricardo! Cuidei que nunca mais a via. A nossa casa! O nosso quarto! Ah! agora é que eu vou gostar ainda mais de tudo isto. Só se conhece um bem, depois que se perdeu!... E eu tive o meu bem quási perdido.

RICARDO — Deixa-me cá ver-te bem. Estás magra, magrinha, minha Maria! Nunca mais me torno a separar de ti, nunca mais. Tu, tão boa, tão linda, com êsse arzinho de criança! Como pude eu acreditar que me enganavas? Eu andava doido. Era eu que merecia cadeia, pelo crime de duvidar de ti. Era eu, e foi a ti que quizeram condenar.

MARIA DO SOL — Tudo passou. Foi um sonho mau, um pezadelo, mas já acordámos. Os homens deram-me a liberdade, e Deus deu-me de novo o teu amôr. Eu voltei, Ricardo, para ti, para o teu carinho, para a tua bondade. Só a morte poderá separar-nos, e ela não nos leva agora. Somos novos, fortes; a vida é nossa.

RICARDO — A vida... (entra um camponez).

O CAMPONEZ — Ora viva, comadre! Ditosos olhos que a vêem. Que a alegria seja nesta casa.

RICARDO — E há-de ser (abraçando a mulher) Já temos outra vez Sol!

Maria Amélia Teixeira (Filha).

Posturas...

— «*Não infringi a lei! As retretes para os indigenas estão feitas... que eu, como se está vendo, de tal luxo prescindo... e goso de perfeita saude...*»

VISTAS AEREAS DA CIDADE

Fotografias tiradas pela Companhia African Flying Services (PTY.), Ltd., que está fazendo o levantamento aereo da cidade.

Paços Reais

Os dois Palácios cujas gravuras damos hoje nesta página foram os dois ultimos Paços que os Reis de Portugal habitaram.

Por eles passaram e viveram, Rainhas e Reis, Princesas e Principes, Infantas e Infantes.

O Palácio Real da Ajuda, o da nossa primeira gravura, construido no cimo da Calçada do mesmo nome, é, como se vê, grandioso no aspecto, mas incompleto na construção, que foi mandada fazer pelo rei D. João V, pois não o concluiram. Ficou em menos de metade daquilo que fôra o seu projecto.

Mas, apesar de incompleto, é espaçoso, vasto de salas, de grandes salas, a sala azul, a sala amarela, a sala vermelha, a sala de damasco, a sala de musica, a sala Imperio, a sala das açafatas, a sala dos archeiros... que sendo grandes, são pequenas junto da Sala do Trono, a sala de banquetes e a sala de bailes.

A Sala do Trono, que fica na ala central do Palácio, abrindo para a sala Império, é um dos maiores salões, se não o maior de todos os dos Palácios de Portugal. Ali se realizaram as recepções, os beija-mãos, os cumprimentos pelos aniversários reais, e pelos dias de gala.

No topo, erguia-se o trono, quatro degraus, atapetados a veludo vermelho, no ultimo as cadeiras douradas da Corôa, e do alto o docel, tambem de veludo, franjado de canutilhos de ouro. Dum e outro lado, duas mezas cobertas de damasco encarnado, onde, sobre almofadas de veludo, poisava, numa, o sceptro real, na outra a corôa.

A sala de Banquetes e a de Bailes, uma em cada ala lateral, são quási das mesmas dimensões da do Trono.

O ultimo grande baile, ali realizado no tempo da monarquia, foi o oferecido pelo Rei D. Carlos ao rei de Espanha, Afonso XIII, em 1903; o ultimo grande jantar, foi o oferecido tambem por D. Carlos, ao Presidente da Republica Francesa Loubet, em 1906.

Na Republica, tambem nele se têm realizado banquetes oficiais.

O Palácio Real das Necessidades — a segunda gravura, — no bairro de Alcantara — foi a residencia de D. Carlos e do ultimo rei de Portugal. Muito mais pequeno do que o da Ajuda, mas elegante e mais moderno, foi o escolhido por D. Carlos e D. Amélia, quando Principes, para o habitarem, visto que na Ajuda moravam seus pais, o Rei D. Luiz e a Rainha D. Maria Pia.

Neste Paço Real, esteve hospedado o Rei de Inglaterra, Eduardo VII, quando da sua visita a Lisboa em 1902.

Anexa ao Palácio, existe a Capela, onde estiveram depostos em camara ardente os cadaveres de D. Carlos e do Principe D. Luiz Filipe.

Hoje, no Palácio das Necessidades, estão alojados o Ministério dos Negócios Estrangeiros, e o Quartel General do Governo Militar de Lisboa.

O Palácio Real encastoa-se numas tapadas e jardins que vão desde o largo do Rilvas até S. Vicente de Borja.

Nesses dois Palácios Reais, viveram-se muitas horas de gala, de alegria, de amor, de tragédia, de luto e de saudade!

No da «Ajuda», onde viveu até 4 de Outubro a Rainha Maria Pia de Saboia, teve a filha de Victor Manuel, de Itália, horas agrestes, de mágua e de dor. Vinda aos 16 anos para Portugal, trazia, no coração, um amor, não pelo Rei que ia ser seu marido e de quem Ela não gostava, segundo os brilhantes dos seus aneis de Rainha escreveram nas vidraças das janelas. Escreveram muitas vezes: «Não gosto do Luiz. Não gosto de homens loiros».

E esse amor que a princesa de Saboia trazia no coração foi uma noite morto com um tiro, disparado duma janela do Palácio. O morto era um tenente da cavalaria italiana, que acompanhara a Lisboa a sua princesa muito sardenta e ruiva.

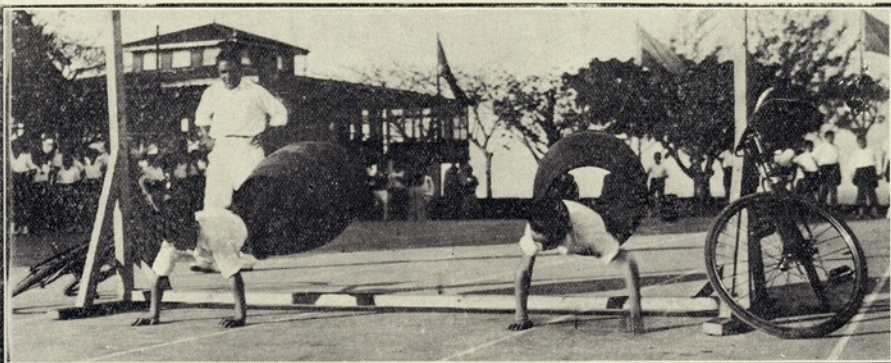
A espingarda que o matou... não se soube de quem era!

Esta foi uma hora de tragédia, no Paço da Ajuda.

No Paço das Necessidades, a hora de tragédia que se viveu mais intensa, foi a que D. Amélia de Orleans sentiu na noite de 1 de Fevereiro de 1908, quando lhe levaram os corpos inanimados do marido e do filho, que as balas vararam no Terreiro do Paço.

E esses Palácios, onde viveram Reis, deixaram para sempre de ser residencias reais, quando na manhã de 4 de Outubro de 1910, um tiro da marinha de guerra, cortou, no Palácio das Necessidades, onde estava D. Manuel, a adriça do vermelho pavilhão da Monarquia.

F. B.

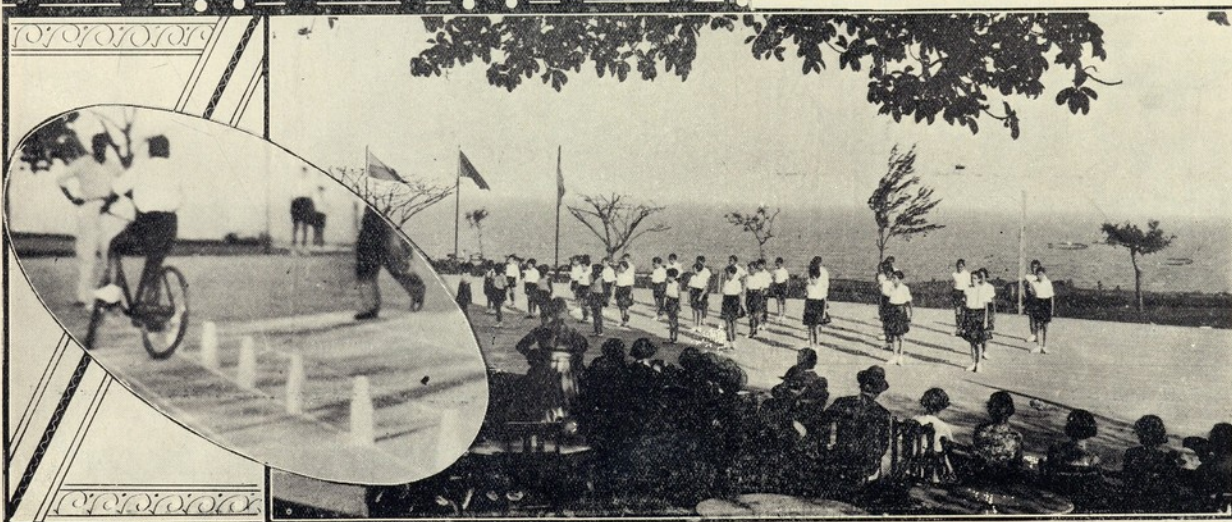
A festa infantil no Grémio Militar

Decorreu com o maior interesse a festa infantil que se realizou, no domingo, 10 de Setembro, no Grémio Militar.

Festa de crianças: alegria, movimento, vivacidade, graça, entusiasmo. Mas, a par disso, essa festa foi marcada tambem por uma esplendida organização, muita ordem, muita disciplina e muito bom gosto.

Superintendeu na sua organização o sr. dr. Carlos Figueiredo — cujo retrato publicamos — que em tudo manifestou, mais uma vez, um profundo conhecimento do temperamento e do espirito das crianças e da pedagogia infantil, merecendo, por isso, os justos cumprimentos de todos os que tiveram o prazer de assistir a tão interessante festa.

Foi esta iniciada por uma parada de ginástica, que foi executada com segurança, a seguir ao que se procedeu á ginkana, que constou de vários numeros cheios de graça e de movimento que fizeram delirar a petizada.

No final dos jogos foi servido um chá, que decorreu muito animado, e distribuiram-se os prémios aos concorrentes mais classificados.

Registando o facto e dirigindo os merecidos cumprimentos ao seu organizador «O Ilustrado» arquiva hoje nesta página alguns curiosos aspectos dessa simpatica festa infantil, que será recordada com alegria e que deve servir de incitamento para a realização de novos divertimentos para as crianças.

ESCUTEM:
O dever de todos os pais...
é velar pela saude dos filhos!
Aproxima se o tempo quente, que depaupera as forças e deprime os organismos, principalmente o das creanças. Antes que ele chegue fortifiquem os seus filhos, dando lhes todos os dias uma ou duas chavenas de
OVOMALTINE
que é a saude
AGENTES:
F. Bridler & C.a Ltd.
Caixa Postal 65
Lourenço Marques

Desportos no estrangeiro

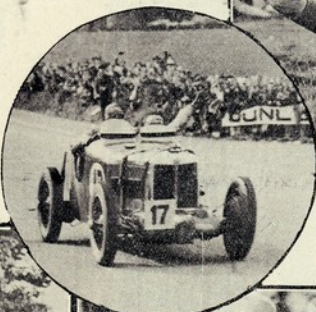
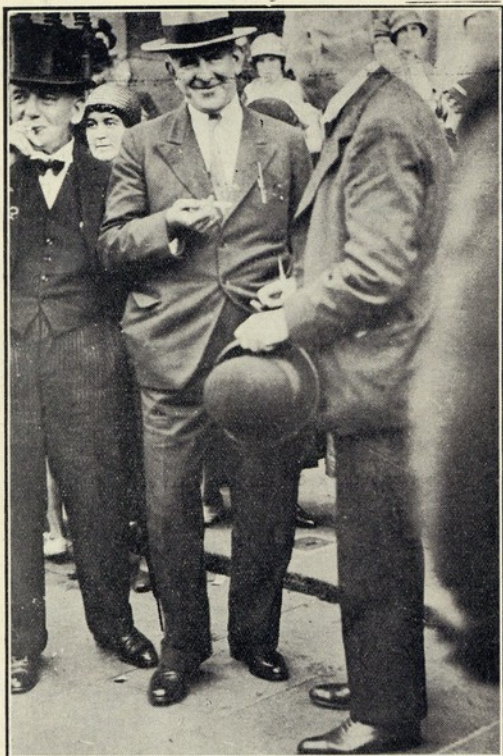
Um curioso contraste. Em frente à guela dos poderosos canhões passam, leves e airosas, as velas brancas, como um bando de aves marinhas... E' uma fotografia da regata anual da «Home Fleet», em Portland, realizada em 9 de Setembro.

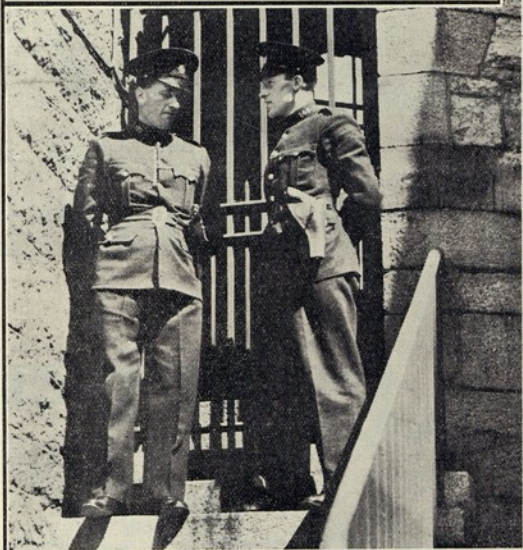
Uma utilidade dos pneus velhos, em corridas de obstaculos. Ao passo que os novos nos arreliam tantas vezes, estes fazem nos rir, à custa dos corredores...

G. E. Mitchell lançando o martelo de 24 lbs. na abertura da temporada de jogos atléticos e populares em Aberdeenshire.

No «meeting» da União Ciclista Nacional, em Londres, ha a prova das velhas bicicletas. Eis três campeões disputando a corrida da milha. A bicicleta da esquerda tem o lindo record *da conquista em sete anos seguidos.*

Nuvolari, o famoso volante italiano, ganhou em 2 de Setembro, na Irlanda, a corrida «R. A. C. International Tourist Trophy» Nuvolari correu num carro inglês, M. G. Magnette, a uma velocidade média de 78.65 milhas por hora. No final da corrida Nuvolari sustentou um terrivel duelo com Hamilton; emquanto este se via forçado a meter um galão de gasolina, para acabar o percurso, o italiano ganhou atingindo a meta com o tanque quasi vasio.

Nas gravuras vê-se Nuvolari cortando a meta, no carro que pela primeira vez pilotava; e recebendo as saudações de sua mulher.

A Irlanda

O general O'Duffy (de chapeu de feltro) chefe dos Camisas Azues, saindo da Igreja Católica de Santo André, em Dublin, onde foi assistir à missa por alma de Artur Griffith, Miguel Collin e Kevin O'Higgins, todos fundadores do Estado Livre.

Dois policias da nova Guarda Armada, que o Governo de De Valera creou recentemente com o efectivo de 600 homens, para fazer frente aos «Camizas Azuis» que segundo se dizia se propunham tomar, num golpe de Estado, os edificios do Governo e o Parlamento. Esta nova guarda anda com revolvers e será dotada de metralhadoras e bombas de gases que fazem chorar.

O Presidente De Valera, ladeado por dois padres e cercado de muitas pessoas, em Mount Melleray, Cappoquin, Condado de Waterford, onde lhe foi feita uma recepção calorosa.

O problema irlandês está longe de se encontrar resolvido.

É certo que há tempos terminaram as lutas sangrentas entre Dublin e Belfast, e que a divisão da Irlanda em duas, ficando o sul com o nome pomposo de Estado Livre e com liberdades que representam quási independencia, acalmou as iras de uma população aguerrida e apaixonada que detesta o jugo da Inglaterra, e que, para se libertar dele, se conservou durante anos e anos permanentemente em guerra, numa guerra civil de guerrilhas e emboscadas, em que o assassinio politico se encontrava entre as mais poderosas armas.

Dentro do Estado Livre, depois de obtida a carta de alforria dada pouco voluntariamente pela Inglaterra, surgiram dois partidos, um moderado, aceitando as liberdades alcançadas como um bem que se deve bemdizer e desejando o progresso do país na quietação e na ordem de há muito desconhecidas; outro, constituido pelos insatisfeitos, pelos que desejam a liberdade «integral» do sul da Irlanda, pelos que não descansam emquanto não virem a Republica proclamada nas praças de Dublin.

Eram estes, então, os dois partidos mais fortes, o primeiro chefiado por Cosgrave, o segundo comandado por De Valera, com o seu Exercito Republicano.

Nos primeiros tempos, depois da transigencia forçada da Inglaterra, Cosgrave foi detentor do poder e nele procurou fazer um governo equilibrado, procurando tirar o maior partido da situação sem contudo hostilizar a Gran Bretanha...

Mas nas ultimas eleições os moderados não conseguiram maioria parlamentar e De Valera subiu ao poder com o seu programa de completa emancipação da Irlanda, embora para todos os efeitos praticos politicos a Irlanda já se encontrasse de facto emancipada.

E então começou a luta aberta contra a Inglaterra, o trilhar do caminho que deveria levar á proclamação da Republica.

Tudo estaria muito bem se a Irlanda do Sul se bastasse a si propria, se não tivesse muito que importar e especialmente muito para vender fora das suas fronteiras e se o seu melhor comprador — o mais proximo e o mais certo — não fosse a Inglaterra.

Mas como os factos são factos, e como as considerações de ordem politica se podem sobrepor ás considerações de ordem economica, mas apenas por periodos relativamente curtos ao fim dos quais as segundas reconquis-

Duas correntes antagónicas

tam o lugar predominante que lhes pertence, o Estado Livre em breve viu a Gran Bretanha fechar com as trancas de um sensivel aumento pautal as portas alfandegarias que até então haviam estado abertas de par em par, e as estatisticas em breve mostraram por uma enormissima diminuição do movimento comercial, que a politica de hostilidade podia ser boa para a conquista do voto dos fanaticos politicos, mas não era a de melhores resultados para as forças produtoras que viam perdido o seu melhor mercado.

Encontra-se provavelmente nestes factos o motivo, se não directo e patente, pelo menos indirecto e oculto, do aparecimento da Organização dos «Camisas Azuis» chefiada pelo General O'Duffy.

O objectivo declarado dessa organização é «criar um estado fascista corporativo e anti-parlamentar, sendo constituida uma Assembleia Corporativa em que estejam representados os trabalhadores rurais, os operários, a industria, a ciencia e as letras». Mas o seu objectivo real é como se viu ao ser constituido há pouco o Partido Unionista Irlandês, em que se agruparam os «camisas azuis» com os partidos da oposição, «a Irlanda ligar-se á Confederação Britanica de Nações pois só assim poderá viver, e ser feita a união entre o norte e o sul da Irlanda».

Antes da constituição deste novo partido, em meados de Agosto—e a essa data se referem as fotografias que publicamos—os ares estiveram muito turvos pois os «camisas azuis» fizeram algumas manifestações de força que foram desafios ao governo, que acabou por decretar a sua dissolução que, naturalmente, tambem não foi respeitada.

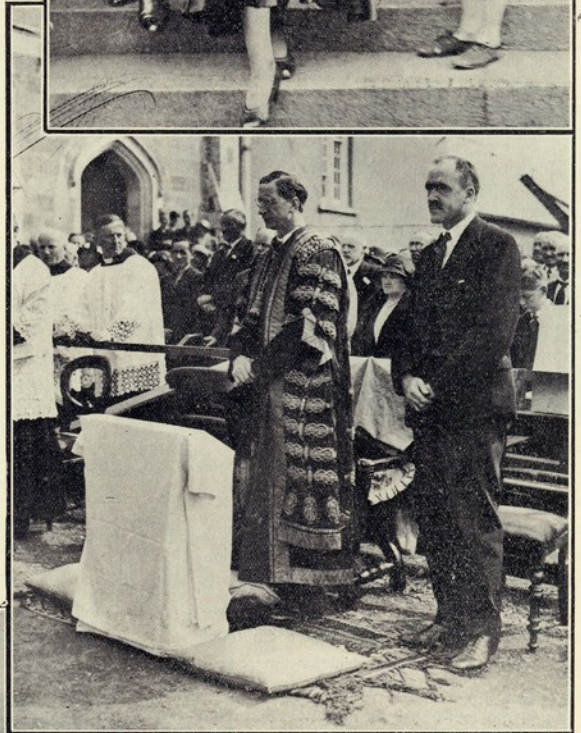
Constituido o Partido Unionista, o Governo de De Valera ficou numa situação dificil no Parlamento e para se conservar no poder sem nova consulta ás urnas, deitou mão de um acordo com o Partido Trabalhista, acordo em que fez enormes concessões, pois só assim lhe foi possivel conseguir o voto dos seus representantes no Parlamento.

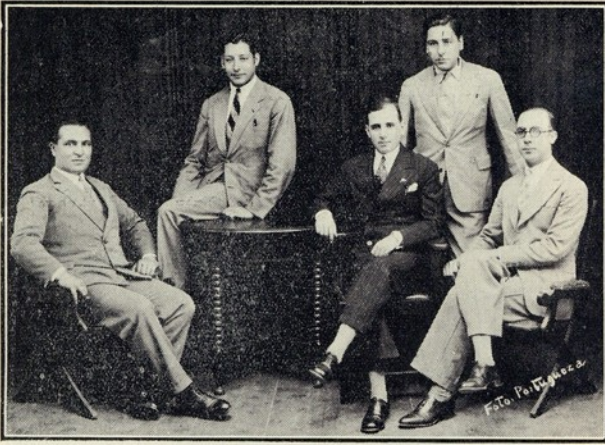
A luta está por agora suspensa, mas as duas correntes continuam ameaçadoras, uma em frente da outra: De Valera ou O'Duffy; Republica ou Nação da Confederação Britanica; Idealismo politico ou Realidade económica.

O problema irlandês está longe de se encontrar resolvido.

R.

A sr. Kevin O'Higgins, viuva do politico deste nome que assinou o tratado com a Inglaterra e que foi sacrificado na luta pela independencia da Irlanda, saindo da Igreja Católica de Santo André depois da missa por alma de seu marido.

Acompanhado do sr. Frank Aiken, ministro da Defesa do Estado Livre da Irlanda, o Presidente De Valera, assiste à missa campal das festas do centenario que se realisaram em 16 de Agosto em Mount Melleray.

Um camião com uma patrulha passando atravez de um cordão de Guardas Civicos, em Dublin, onde foram tomadas rigorosas medidas de precaução para evitar desordens provocadas por desobediencia dos Camisas Azuis.

Grémio dos Radiófilos

A primeira Direcção do Grémio dos Radiófilos
Da esquerda para a direita: srs. Alberto José de Morais, Abilio Brito, Aniano Serra, Ernesto Brito e Augusto Gonçalves.

A radiodifusão é o meio mais poderoso de propaganda dum país, tendo-se os seus benéficos resultados evidenciado em todo o mundo. É como que uma chamada á fraternidade entre os povos.

Nós, cá tam longe da mãi pátria, possui-

O studio do Grémio

mos uma estação transmissora que tem excedido todas as espectativas. É pequena (muito pequena em relação aos desejos do grémio, muito grande em relação aos seus recursos), mas apesar da sua insignificante potência fez-se ouvir na América, na Europa e em toda a Africa, o que se pode considerar um prodigio.

Emquanto todas as boas iniciativas morrem em pouco tempo nesta terra, a montagem da pequena estação do Grémio dos Radiófilos foi um facto. E porquê? Porque meia duzia de fortes vontades o quiseram. Deliberaram montar a estação e, seguidamente, meteram mãos á obra. Começaram trabalhando em segrêdo, metidos na sua modéstia, sem espalhafato, sem reclames pretenciosos e ridiculos. Fizeram, desfizeram, ajustamento aqui, ajustamento acolá e, quando menos se esperava, surgiu uma voz a dizer: «Rádio Lourenço Marques». A Estação emissora do Grémio dos Radiófilos da Colónia de Moçambique estava pronta. Poucas experiências foram necessárias, e no dia 18 de Março deste ano foi feita a sua inauguração oficial.

A Colónia de Moçambique — pode dizer-se — deu um grande passo, colocando-se ao lado dos grandes povos civilizados. A sua voz, que é a voz de Portugal, faz-se ouvir hoje a muitos milhares de milhas de distancia.

Como é agradavel caminhar ao lado dos grandes países, seguindo-os, passo a passo, em tudo que represente para nós o engrandecimento e prestigio do nome português!

Não é só por palavras que se mostra o valor dum povo; não é só evocando as glórias do passado que se garante a sua independência, o valor que representa em relação aos outros povos; é por obras, por trabalho.

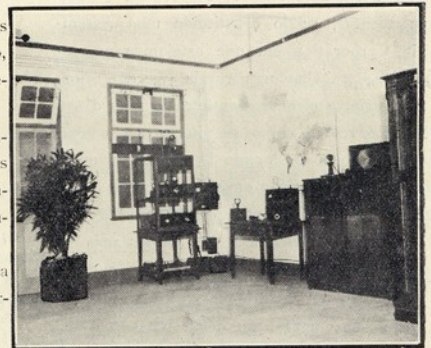
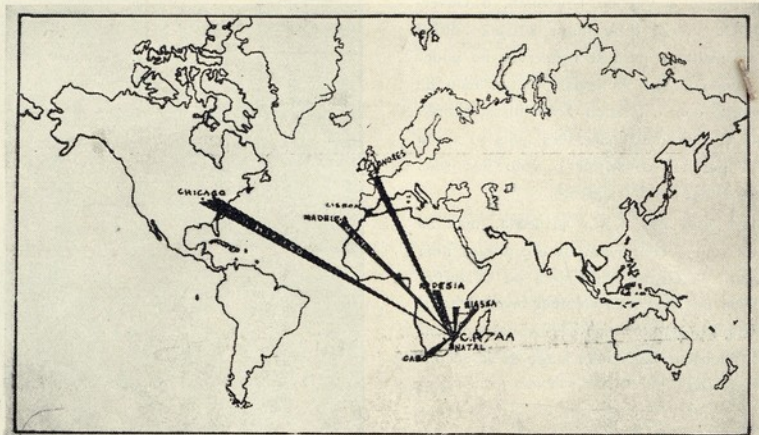
O desenvolvimento da radiodifusão nesta Colónia só agora se vai fazendo sentir, porque já há uma estação emissora.

O Grémio dos Radiófilos luta com enormes dificuldades financeiras porque as suas fontes de receita são poucas. Alguns dos amadores desta Colónia a quem a estação emissora mais interessa, ainda não se inscreveram como sócios. O numero de sócios actualmente inscritos, é relativamente pequeno embora na Colónia já exista uma quantidade bastante grande de aparelhos receptores.

Se todos os seus proprietários se lembrassem dos esforços que são precisos para a manutenção da estação do Grémio, estamos convencidos de que não regateariam o seu auxilio para alicerçar a tam importante quanto simpática iniciativa dos seus fundadores.

Ora, para que o grémio possa cumprir a missão bem delicada e dificil que lhe compete, precisa o auxilio de todos, porque a todos interessa. O seu desenvolvimento e as suas prosperidades concorrerão para o bom nome desta Colónia bem portuguesa.

Tem o Grémio recebido muitas cartas de diversos pontos do estrangeiro em que se fazem as melhores referencias á estação local, e (coisa significativa!) todos lhe atribuem uma potencia 10 ou 20 vezes maior do que a que tem.

Só isto basta para enaltecer a direcção do Grémio, estimulando-a a melhorar tanto quanto possivel as suas emissões, em numero e qualidade, embora para isso seja absolutamente necessário que todos os amadores de rádio colaborem com ela, para que dentro em breve a sua pequena estação possa ser a grande estação da Africa Oriental Portuguesa.

A estação

Mapa com as marcações das localidades onde a estação se tem ouvido com optimos resultados.

FUTEBOL INTERNACIONAL

Sporting-Berea Park

Algumas fases do desafio realizado no dia 17 do mez passado entre o Sporting Club (campeão local) e o Berea Park, de Pretória, de que resultou o empate por 1 1.

JEAN PARKER

uma das mais refulgentes estrelas de Hollywood

A insinuante vedeta da Metro, Jean Parker, não foi á procura do cinema. O cinema é que foi procurá-la.

Esta jovem, de dezassete anos de idade, que nasceu em Pasadena, California, transformou completamente a ordem natural das coisas. Em vez de olhar para Hollywood com olhos almejantes, nem notou a existencia da cidade dos estudios e astros famosos. Hollywood é que atravessou as dez ou quinze milhas que a separavam da linda Pasadena e se apoderou de Jean.

A principio Jean não se sentia muito desejosa de ser raptada. Estava fazendo o curso superior na Universidade de Pasadena, e conseguir o diploma do curso de preparatórios significava muito mais para ela do que ser artista do cinema.

Esta jovem de cabelos e olhos castanhos, cujo verdadeiro nome é «Mae Green», que os estudios mudaram para Jean Parker, nunca sonhou, nem teve a ambição particular de ser artista.

Morava perto de Hollywood, mas nunca pensou em cinema, ao passo que outras Mae Greens de várias cidades dormiam sobressaltadas, pensando como conseguir chegar á California e á cidade dos estudios.

«Suponho que todas as raparigas desejam ser artistas — disse Jean. Eu costumava brincar aos artistas de vez em quando, mas nunca me passou pela cabeça que um dia seria uma artista de verdade».

Jean todas as manhãs frequenta as aulas da escola dos estudios, e três vezes por semana, quando não está trabalhando numa produção, vai á Universidade de Pasadena para cursar classes especiais.

«Em Junho de 1934 finalizarei os meus estudos», disse ela sorrindo. «Os estudios fizeram um arranjo para que eu pudesse estudar aqui e ter algumas aulas em Pasadena e, deste modo, receberei o meu diploma como desejo».

Jean está tão entusiasmada com a obtenção do seu pergaminho como com o contrato com a Metro-Goldwyn-Mayer, e mostra-se confusa e emocionada com a rapidez com que se sucederam as coisas na realização dos seus sonhos.

* * *

Jean era uma das inumeras raparigas bonitas de Pasadena escolhidas para tomar parte numa parada quando se realizaram os jogos olimpicos em Los Angeles.

Uma fotografia desse grupo de raparigas, de que ela fazia parte, foi publicada num dos jornais locais, e a face sorridente daquela jovem de olhos grandes e escuros atraiu a atenção dum dos directores da Metro.

Foi então que Jean começou a interessar. Com o auxilio dos fotografos, Jean foi finalmente encontrada, cuidando calmamente da sua vida, com muito entusiasmo, para começar o seu primeiro ano no curso superior.

«Pode-se bem imaginar como eu estava entusiasmada — os olhos de Jean ainda brilham de entusiasmo — quando os estudios me pediram uma prova cinematográfica! Não podia acreditar que era verdade. Todas as raparigas da Metro me olhavam como se alguma fada me estivesse protegendo. Eu estava com muito mêdo a prestar as provas. Mas o pessoal dos estudios, gentil para comigo, disse-me que eu não tremia, nem gaguejava, como na ocasião em que me convidaram para o cinema».

Na realidade, Jean não tremia nem gaguejava na prova e deram-lhe um contrato por longo tempo. Jean estava tão entusiasmada que não sabia o que isso valia.

O contrato foi assinado e Jean levou os seus livros escolares de Pasadena para Hollywood. Pouco tempo depois a familia de Jean mudou-se para Hollywood para que a jovem estivesse perto dos estudios. E alguns meses depois, a garota Mae Green tornava-se gente no mundo cinematografico.

Agora que está no cinema é fazer tudo o possivel para ir avante! dizem os directores E ela estuda constantemente não só as suas lições escolares como tambem danças classicas e canto, para obter graça, pose e segurança.

Há uma grande força de vontade na juventude do seu rôsto e olhos.

O primeiro filme em que Jean tomou parte foi «Divorce in the Family», ao lado do astro infantil Jackie Cooper.

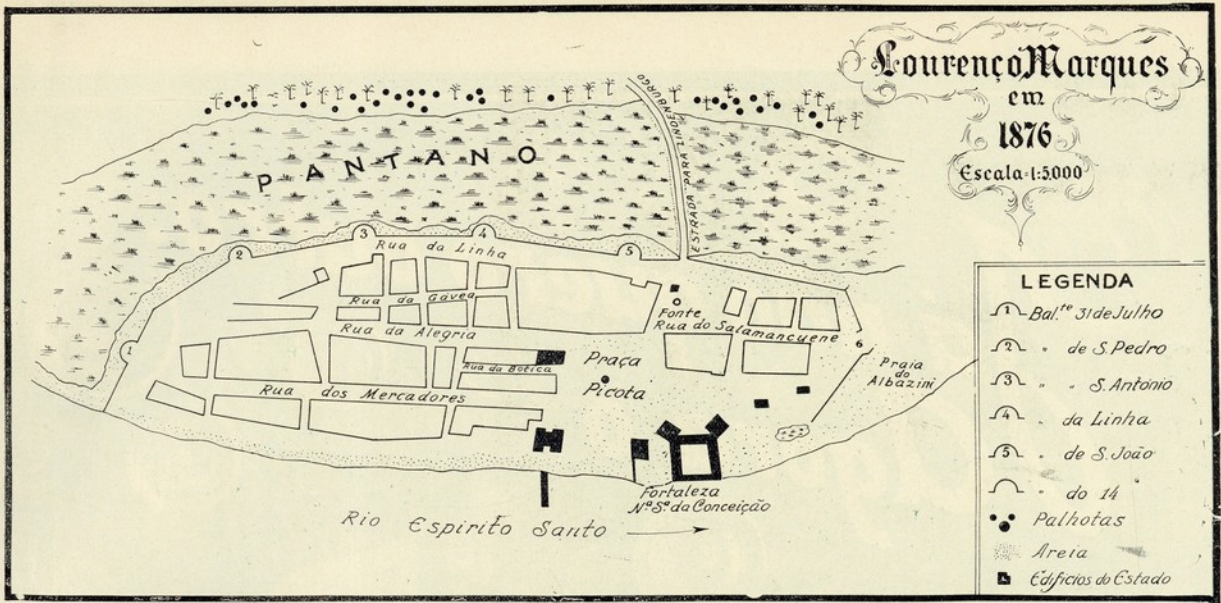
Em «The Secret of Madame Blanche», Jean teve um pequeno papel que atraiu a atenção de todos os criticos nas cidades onde o filme foi exibido.

«Não é maravilhoso?» preguntou ela. — «Quando os estudios se ofereceram para uma prova, fiquei com mêdo, — podem bem imaginar como fiquei amedrontada, — hoje ainda tenho medo, mas nada que se pareça como no principio».

A familia de Jean, prudentemente, conserva-se afastada da vida da jovem nos estudios. Seus pais estão sempre em casa para a aconselharem e ajudarem no que fôr possivel na sua maravilhosa carreira.

«Meus pais acham que sou sensata, — diz Jean —. Sempre ouvi dizer que muita vigilancia e cuidado não adiantam coisa alguma. Uma pessoa é o que é e qualquer rapariga aproveita muito mais se se acostumar a guiar-se a si própria.

É apenas um palpite e, naturalmente, os palpites muitas vezes não dão certos. Mas acreditamos que daqui a alguns anos o nome de Jean Parker será tão conhecido como o de

Joan Crawford. Mae Green, transformada em Jean Parker, tem a mesma ambição e determinação aos 17 anos que Lucille Le Souer, batisada de Joan Crawford pelo mesmo estudio, teve quando chegou pela primeira vez a Hollywood como uma jovem desconhecida, com um novo mundo para enfrentar e conquistar.

Aqui têm os leitores a planta de Lourenço Marques em 1876.

Pareceu-nos curioso publicar esta planta no mesmo numero de «O Ilustrado» em que publicamos — nas páginas centrais — quatro interessantissimas vistas aéreas da cidade actual.

Por este confronto se pode, logo á primeira vista, abranger o extraordinário progresso e desenvolvimento que Lourenço Marques tem tido nos 57 anos decorridos desde 1876 a 1933.

A sua área é hoje imensamente maior. As suas actuais avenidas e ruas, bem traçadas, arborizadas e povoadas de lindas habitações, alguns bons edificios, tudo isto (a par do seu aspecto limpo, arejado e arrumado) nos dá a impressão clara de que estamos vivendo numa cidade moderna e do esforço progressivo que se tem dispendido e que não nos envergonha.

E não era necessário remontar tam longe. Se comparassemos a cidade de hoje com o que ela foi até 1910 — data do início do maior incremento do seu progresso — tambem seria flagrante a grande diferença entre o que foi e o que é.